



O CORPO NA HISTÓRIA E O CORPO NA IGREJA HOJE

Renato Gonçalves Rodrigues

UnB

RESUMO: Este artigo é parte de uma pesquisa maior de mestrado que tem por título “A dança cristã protestante no Brasil, sua manifestação artística na atualidade”. Esta tem como objetivo mais amplo conhecer o campo da dança realizada em comunidades evangélicas, suas peculiaridades, qualidades estéticas e características sociais na atualidade. Entendendo que as concepções sobre o corpo existentes em nossa sociedade hoje são fruto de um processo histórico, e não se apresentam como algo estanque e muito menos uniforme. Partirei de uma revisão bibliográfica onde proponho um estudo das concepções de corpo através dos tempos, para então chegarmos ao que temos hoje. Entender quais são as raízes conceituais do corpo que nos fazem ter a visão que temos na atualidade e também o seu reflexo no meio cristão evangélico contemporâneo. Além disso, procuro conhecer como o corpo é visto nessas comunidades, qual é a relação do corpo com o sagrado/profano e qual a possibilidade de um corpo que se manifesta no sagrado. Concluo que os ideais cristãos tiveram muita influência sobre nossa sociedade como um todo e conseqüentemente sobre a forma de vermos nosso corpo.

Palavras-chave: Corpo; História; Cristianismo; Igreja.

ABSTRACT: This article is part of a larger research master's is entitled "The Protestant Christian dance in Brazil, his artistic expression today." This aims to meet the wider field of dance performed in evangelical communities, their peculiarities, aesthetic and social characteristics today. Understanding the concepts of the body existing in our society today are the result of a historical process, and are not presented as something tight and much less uniform. Leave a literature review where I propose a study of the concepts of the body over time, and then we get to what we have today. Understand what are the conceptual roots of the body that make us the vision we have today and also the reflection amidst contemporary evangelical Christian. Also, try to understand how the body is seen in these communities, which is the body's relationship with the sacred / profane and what is the possibility of a body that manifests the sacred. I conclude that Christian ideals had much influence on our society as a whole and consequently on how we see our bodies.





Keywords: Body, History, Christianity, Church.

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de conhecer mais a fundo a realidade dos meus sujeitos de pesquisa, venho por meio deste artigo delinear um panorama histórico das principais concepções de corpo pelas quais a humanidade passou. Ao entender como meus estes veem o seu corpo, poderei entender melhor a sua manifestação artística em dança no meio de suas comunidades. Basicamente, farei referência aqui ao pensamento da sociedade grega, da Europa cristã medieval e seu reflexo atual no contexto das igrejas evangélicas.

Essa revisão de literatura tem um caráter prioritariamente histórico, pois é como resultado de processos históricos que vemos nosso corpo. “O passado não está apenas no passado: ele constitui nossa sensibilidade e continua de certa forma, como veremos, a ser presente.” (RODRIGUES, 1999, p.16). Entendemos o corpo não como algo pronto e acabado, como um dado objetivamente imutável, mas sim como um fenômeno que está sempre em transformação, assim como nossa sociedade. Dessa forma a construção corporal se dá na historicidade e é fruto de diversas influências econômicas, políticas e sociais (CRESPO, 1990). E ainda a forma com que lidamos com nosso corpo não é algo universal; cada povo possui maneiras peculiares de tratar esse corpo.

Ao mesmo tempo em que revela muito das características peculiares a um indivíduo, a observação de um corpo mostra também suas características como participante de um grupo social. A história marca esse corpo e isso pode ser observado claramente, pois este absorve valores, crenças e sentimentos que estão presentes na sociedade (CARVALHO, 2006). Como reforça Daólio (1995, p. 105): “No corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca.”.





O Corpo na Grécia Antiga

Segundo a visão platônica o corpo é visto como uma parte separada da mente. Essa visão dualista propagada por Platão (427 a.C. - 347 a.C.) tem as suas reverberações até os dias de hoje. Procuramos entender em que medida essa dicotomia ainda se perpetua em nossa forma de ver nosso corpo. A partir de uma concepção fragmentada de corpo, definida para Platão (428-347 a.C.) *apud* Dumont e Preto (2005):

[...] o mundo das idéias do qual a alma se originou e se encarcerou num corpo que é o mundo real, apresentando o corpo como uma dimensão inferior, limitado, contraposto à alma (perfeita, eterna e imutável), lançando os pressupostos para a teologia cristã. Assim sendo, as atividades relacionadas ao intelecto eram consideradas nobres, reservadas à aristocracia, fomentando o chamado "ócio prestigioso" e, relegando às classes inferiores, os trabalhos braçais.

Nessa perspectiva, podemos perceber que o corpo como um acessório, ou até mesmo uma morada da alma, não está somente na concepção de pensadores antigos como Platão, ainda hoje é bastante forte essa visão. As formas de conter o corpo são demonstrações do quanto este corpo estava relegado a um patamar bem abaixo da alma/mente. Tudo aquilo que envolvia práticas corporais era tido como atividade de baixo escalão, em contrapartida, todas as atividades consideradas intelectuais eram valorizadas ao extremo.

A visão de corpo na medicina Hipocrática também teve bastante influência sobre o pensamento da sociedade grega. Segundo esse ramo da medicina grega, o corpo humano se configura como um microcosmo que faz parte de um macrocosmo que seria o mundo como um todo. A perspectiva a partir da qual o corpo é visto e entendido, por muito tempo esteve





ligada à concepção de saúde, doença e seus modos de cura. “Hipócrates era particularmente sensível à idéia de que a natureza condicionava a saúde humana: é a natureza que cura as doenças. Ela encontra por ela mesma as vias convenientes sem ter necessidade de ser dirigida por nossa inteligência.” (SANT’ANNA, 2001, p.6).

Segundo Sant’Anna, (2001, p.13) um dos motivos do corpo não ter lugar de privilégio e ser tido como algo inferior é que:

Enquanto a alma é pensada em termos positivos e dotada de imortalidade, o corpo permanece mortal, aquilo que impede o homem de conquistar uma contemplação serena da vida. Considerado seu duplo vergonhoso, o corpo padece e está fadado a padecer, pois, diferentemente da alma, está submetido aos ciclos naturais, às flutuações do desejo, aos perigos da corrupção.

A relação que os gregos mantinham com seus corpos era bastante diferente do que pode ser observado posteriormente na Europa durante a Idade Média. O corpo era valorizado e a sua forma e beleza eram encaradas de forma séria. Os famosos jogos olímpicos gregos eram realizados por homens nus de forma que a sua exposição era algo comum e bem visto pela sociedade.

O corpo nu é objecto de admiração, a expressão e a exibição de um corpo nu representava a saúde e os Gregos apreciavam a beleza de um corpo saudável e bem proporcionado. O corpo era valorizado pela sua saúde, capacidade atlética e fertilidade. Para os gregos, cada idade tinha a sua própria beleza e o estético, o físico e o intelecto faziam parte de uma busca para a perfeição, sendo que um corpo belo era tão importante quanto uma mente brilhante. (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p.25)

O padrão do corpo grego não era ditado por modismos ou algo do tipo. Na *polis* grega era necessário que cada cidadão fosse formado para a guerra e nessa formação o corpo estava em evidência. Não existia uma cisão radical entre corpo e mente/alma. A ideia de um





cidadão intelectual e bem sucedido estava diretamente ligada à saúde e a cultura de um corpo belo e torneado. O equilíbrio era muito buscado pelos gregos. Para eles não era bastante que uma pessoa fosse muito instruída, acumulando uma grande variedade de conhecimentos. O corpo precisava expressar visivelmente, de forma saudável, quem era aquela pessoa (VIEGAS, 2008).

Era tamanha a importância dada ao corpo belo a ponto de ser mais honroso que um guerreiro morresse na batalha em sua juventude do que de velhice ao final da sua vida. Para Vernant (2002, p.411 *apud* VIEGAS, p.22) existem

[...]duas formas de vida, uma, breve e gloriosa, do herói, outra, longa, declinante e sem glória, do comum dos mortais; existem também duas formas de morrer na guerra; a “bela morte”, que confere seu esplendor ao valor do jovem, e a morte feia, degradante e vergonhosa do velho”.

Os cuidados com o corpo não tinham a conotação que tem nos dias de hoje; a figura do guerreiro era valorizada por aquilo que se via de belo na sua apresentação. A beleza da armadura caracterizava uma extensão do corpo heróico, não simplesmente como uma busca da estética como temos hoje.

O Corpo na Idade Média

Desde muito cedo a religiosidade teve grande influência sobre a forma com que a sociedade vê o mundo e conseqüentemente o corpo. O cristianismo institucional, como uma das grandes religiões mundiais, foi responsável, em parte, pela concepção de corpo que temos. Durante muito tempo as formas de dominação do corpo mostraram qual é a concepção ou mesmo o papel desse corpo na sociedade. A presença de doenças ou mal estares estava ligado





diretamente à satisfação da divindade com o homem; quando este era curado representava a redenção, o perdão de determinado pecado. Era o pensamento religioso que se apresentava como grande fator de estabilidade social na medida em que era ele que explicava todos os males que acometiam a sociedade da época, principalmente para a população rural que representava a maioria (CRESPO, 1990).

É necessário entendermos de forma bastante clara qual era as concepções de corpo que prevaleciam durante a Idade Média, porque, como afirma Le Goff e Truong (2006, p.29): “Muitas de nossas mentalidades e de nossos comportamentos foram concebidos na Idade Média. Isto é válido também para as atitudes em relação ao corpo [...]”. Esse período da história foi marcado pelas representações dos opostos e o corpo não ficou fora dessa realidade. Tudo era dividido entre bem e mal, céu e inferno, sagrado e profano. As atividades relacionadas ao corpo ficavam como secundárias, não valorizadas pela sociedade; o que realmente tinha prestígio eram atividades ligadas ao raciocínio, como podemos comparar com a visão de Platão citada anteriormente, como se isso não envolvesse o corpo de forma direta. É preciso entender que fazer um recorte na história pra um estudo mais específico desse período não é desconhecer as influências, ou mesmo a presença de características de um período anterior ou posterior, mas simplesmente uma forma de dissecar com objetivo de conhecer mais de perto.

De um lado o corpo é desprezado, condenado, humilhado. A salvação, na cristandade, passa por uma penitência corporal. No limiar da Idade Média, o papa Gregório, o Grande, qualifica o corpo de “abominável vestimenta da alma”. O modelo humano de sociedade da alta Idade Média, o monge, mortifica seu corpo. (LE GOFF; TRUONG, 2006, p.11)

A partir dessa afirmação de Le Goff e Truong podemos perceber o quanto o corpo era resignado ao pecado, de forma que quanto mais esse fosse mortificado mais admirável seria o cidadão, pois esse era o ideal pregado pela Igreja. As representações de corpo durante a Idade Média estavam regidas, como em outras épocas também, pelos ideais do Cristianismo.





A Igreja Católica dominava até mesmo o Estado, e todas as condutas sociais eram ditas boas ou ruins pelos dogmas da Igreja.

“Por outro lado, o corpo é glorificado no cristianismo medieval. O acontecimento capital da história – a encarnação de Jesus – foi o resgate da humanidade pelo gesto salvador de Deus, tomando um corpo de homem.” (LE GOFF; TRUONG, 2006, p.12). Essa desvalorização do corpo se contrasta com a forma em que a salvação é concedida ao ser humano. Segundo o cristianismo, a salvação e o perdão dos pecados são dados ao homem através do sacrifício corpo de Cristo. Ao mesmo tempo em que o corpo é visto como aquilo que aproxima o homem do pecado (carne), pode ser observada a santificação vindo através daquilo que seria o “Corpo de Cristo”, o sofrimento daquele que essencialmente seria santo (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, p.2010).

Como uma característica do cristianismo medieval, podemos observar que o riso sempre foi condenado mesmo sabendo que este “[...] é uma manifestação de uma superabundância do ser.” E dessa forma “Apaga-se seu caráter de energia extraordinariamente expansiva de que o homem dispõe, por ser o único animal que ri.” (RODRIGUES, 1999). O riso como uma manifestação corporal nesse caso se mostra como algo desmerecido pela sociedade cristã durante a Idade Média.

A Igreja, nessa época, era considerada o principal lugar público onde a sociedade compartilhava momentos de religiosidade e devoção e também momentos de prazer como grandes refeições e festas populares. Apresentava-se como um espaço religioso que também recepcionava festas que não eram consideradas sagradas. Nessas festas, podia-se observar certa liberdade de expressão corporal, uma vez que eram ocasiões nas quais eram servidas bebidas alcoólicas (RODRIGUES, 1999). Ainda segundo o mesmo autor:

[...] a igreja nem sempre foi o lugar que agora conhecemos: aquele de separação radical entre o sagrado e o profano; aquele onde não se fala senão em voz baixa; aquele onde se inclina a cabeça em sinal de respeito; aquele em que se deve ajoelhar para expressar inferioridade...





A oposição entre sagrado e profano nesse período medieval não tem a mesma relevância que damos hoje a esses conceitos, principalmente quando falamos em ambientes religiosos. Paradoxalmente ao que foi apresentado anteriormente o mesmo autor ainda afirma que não havia separação entre música sacra e profana, que as mesmas músicas cantadas na igreja são as músicas do cotidiano cantadas nas mais diversas atividades (RODRIGUES, 1999).

Posteriormente, podemos trazer a contribuição de Martins (2003), que ao refletir sobre o corpo em sua dissertação faz referência aos estudos de Michel Foucault. Fazendo uma divisão histórica, Foucault estabelece que houve um momento da história em que nossa sociedade poderia ser chamada de sociedade eclesiástica, momento no qual a Igreja tinha o domínio de diversas áreas da sociedade. Para ele

Neste período da história, a sociedade eclesiástica captura pelo medo e opressão, impondo um modelo de religião, praticando a exclusão e indignando-se com a diferença, através da perseguição aos hereges. Os súditos ao soberano deveriam estar igualmente submissos ao poder eclesiástico. (MARTINS, 2003, p.8)

No contexto Cristão, a dor e o sofrimento tinham um grande valor por se acreditar que aqueles levavam à santificação, à expiação dos pecados. O martírio, nesse contexto, se revela como um “[...] privilégio de uma pequena minoria de eleitos” (VIGARELLO, 2010, p.74). A debilitação da carne nesse contexto é vista como uma possibilidade de fortalecimento espiritual. Dessa forma, pode-se perceber que não é considerada a hipótese de um corpo forte e sadio e um espírito igualmente forte. Para que o espírito fosse fortalecido, os cristãos colocavam seu corpo em situações de risco à saúde com o objetivo de alcançar uma elevação espiritual, uma aproximação de Deus.

A divisão de corpo e alma retomada nas ideias de René Descartes (1596-1650) ainda tem muita representação no imaginário social. Na visão do cristianismo segundo Barbosa, Matos e Costa (2011, p.26):





Evidencia-se a separação do corpo e da alma, prevalecendo a força da segunda sobre o primeiro. O cristianismo resume a atitude de recusa; cabia ao homem descobrir-se como alma que deve lutar contra os desejos para escapar da morte e conquistar a eternidade e a salvação.

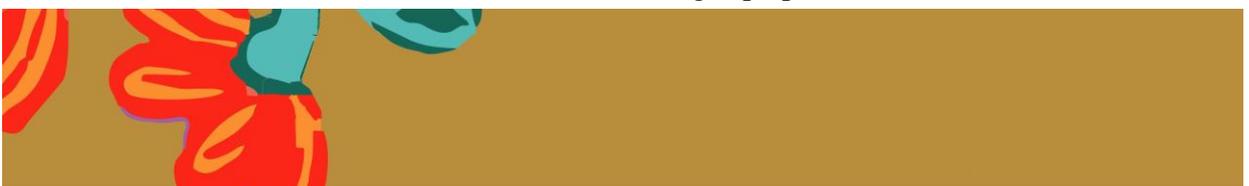
O Corpo e a Igreja Hoje

A relação com o corpo num ambiente cristão nos dias de hoje herdou muito do que vimos através da história. No entanto, essa a visão de corpo nesse ambiente adquiriu características bastante diferenciadas, pois sabemos que essas concepções são fruto de diversas epistemologias vigentes. Assim como a nossa sociedade como um todo mudou em diversos aspectos, aquilo que entendemos como corpo também foi se transformando. De modo geral, como ocidentais nossas principais influências sobre a concepção de corpo vêm do cristianismo. Para Barbosa (1996) somos fruto das tradições greco-romanas e cristãs enquanto para a autora Almeida (2011, p.3)

A noção do corpo no mundo ocidental é concebida pelo cristianismo. O modelo cristão propõe um princípio dualista, pois ele representa, de um lado, a aproximação do divino e, por outro, a aproximação da matéria do pecado. A carne é pesada e o espírito, leve.

A concepção dicotômica de corpo, como pudemos observar no platonismo e no cristianismo medieval, pelos quais o intelecto era valorizado em detrimento do corpo, ainda tem seus resquícios nas comunidades evangélicas atuais. Podemos observar numa afirmação do autor Viegas (2008, p.14), na qual a herança do cristianismo no que diz respeito à concepção de corpo se mostra evidente: “[...] pela repressão do cristianismo, vendo-o como erótico ou vulgar, e lugar de pecado [...]”.

Para a visão cristã durante muito tempo a espiritualização e o controle de tudo quanto é material tiveram importância central. O corpo mesmo era antes de tudo o lugar palpável e concreto da Humanidade,





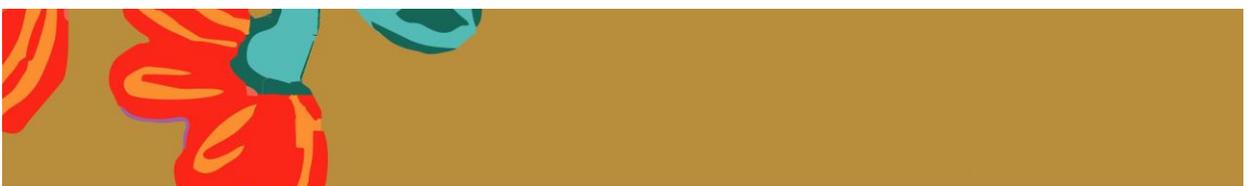
com caráter de pecabilidade e sujeito aos instintos, além de funcionar como um obstáculo no caminho da salvação. (CARVALHO, 2006, p.23)

A partir do momento que a dança começa a ter espaço dentro da vida das comunidades evangélicas, enquanto prática artística, e até mesmo dentro dos cultos, podemos observar um avanço claro no olhar para o corpo. A expressão e a liberdade do corpo deixam de ser, ou pelo menos começam a deixar de ser, um tabu dentro dessas comunidades. A questão principal, acredito ser a ligação direta da “carne”, enquanto parte do ser humano que leva este em direção ao pecado, com o corpo físico. Como podemos observar de onde vem essa visão que o corpo físico está ligado ao pecado, ou mesmo à tendência ao pecado no texto de Almeida (2011):

Segundo o Gênese, é a partir de Adão e Eva que a Terra foi povoada e que os humanos foram destinados a não mais aceder ao paraíso, pois eles são hereditários do pecado. E assim começa uma eterna busca de se livrar da carne, fonte do pecado, para se ter direito a se aproximar do Divino. (p.6)

A partir do momento que essas duas coisas começam a serem vistas de forma separada, o corpo começa a ganhar destaque na liturgia do culto e na vida como um todo do fiel, que tem os princípios do protestantismo evangélico como guia da sua vida. Para Carvalho (2006), no ramo pentecostal das igrejas protestantes o sagrado e profano se misturam, o humano e o divino ocupam o mesmo espaço. Pois “Com a música ritmada, os aplausos, a dança, o pentecostalismo junta sagrado e profano e desfaz as barreiras entre o humano e o Divino.” (p.55)

O ser sagrado ou profano não está diretamente ligado a essência de algo em si. O corpo pode ser considerado ou não como algo sagrado ou mesmo profano, dependendo do simbolismo que lhe é atribuído. O sagrado e seu oposto, o profano, não são determinados pela





coisa em si, mas pela apropriação que se faz das coisas. Um objeto não tem em si um poder sagrado, mas pode representar uma experiência sagrada.

É possível identificar um exemplo disto na história de Moisés, no Antigo Testamento bíblico. Nesta citação, há a simultânea dualidade entre o sagrado e o profano no mesmo objeto, no mesmo tempo. Para o povo, o bezerro de ouro representava o sagrado, estes se prostravam e adoravam aquela imagem. Entretanto, para Moisés, o mesmo objeto simbolizava a negação do sagrado, um ato profano. Por isso ele derrete aquela imagem e mistura o ouro derretido na água para o povo beber. (MARTINS, 2003, p.29)

O exercício a que estou me propondo aqui é o de me aproximar daquilo que historicamente nos faz ver o corpo como o vemos hoje. Nesse sentido as concepções sobre o corpo existentes em nossa sociedade hoje são fruto de um processo histórico, e não se apresentam como algo estanque e muito menos uniforme.

Por fim, podemos perceber como o corpo esteve presente na história nos mostrando quem somos. Mesmo quando este era relegado a uma escala inferior, deixava claro como o ser humano também era considerado assim. Este trabalho não vem defender o dualismo corpo x mente, porém traz o desenvolvimento histórico das concepções de corpo e mostra que ainda hoje essa idéia, supostamente superada, ainda tem os seus resquícios no imaginário social.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Márcia. ANOÇÃO JUDAICO-CRISTÃ DO CORPO E SEUS AFETOS PLÁSTICOS NA DANÇA CONTEMPORÂNEA. *O Percevejo*, Rio de Janeiro, v. 3, n.I, p.1-24, 2011. Semestral.





BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia e Sociedade**, Porto - Pt, n. , p.24-34, 2011.

BARBOSA, Sergio Servulo Ribeiro. **Corporeidade**: Quais são as concepções de corpo presentes nos discursos dos professores de educação física da rede municipal de ensino de Uberlândia. 1996. 88 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Departamento de Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 1996.

CARVALHO, Keila Márcia Ferreira de Macêdo. **O corpo como espaço de louvor e adoração mediante a dança**. 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado) - [Curso](#) de Ciências da Religião, Departamento de Filosofia e Teologia, Ucg-go, Goiânia, 2006.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). **História do corpo**: Da renascença às luzes. 4. ed. Petrópolis Rj: Vozes, 2010.

CRESPO, Jorge. **A História do corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, Sp: Papyrus, 1995.

DUMONT, Adilson; PRETO, Édison Luis de Oliveira. A visão filosófica do corpo. **Escritos educ.**, Ibité, v. 4, n. 2, dez. 2005. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-98432005000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 14 mar. 2013.

GOFF, Jacques Le; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na idade média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RODRIGUES, José Carlos. **O corpo na história**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

SOARES, Carmem (Org.). **Corpo e história**. Campinas, Sp: Autores Associados, 2001.

MARTINS, Leonardo Tavares. **O corpo e O sagrado**: O Renascimento do Sagrado Através do Discurso da Corporeidade. 2003. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2003.





VIEGAS, Alessandra Serra. A Importância do Corpo na Sociedade Grega: na vida e na morte. **Revista Eletrônica Da Antiguidade**, Rio de Janeiro, n. II, p.13-26, 2012. Disponível em: <<http://www.nea.uerj.br/nearco/arquivos/numero1/arquivo2.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

